

CONSCIÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA E IDENTIDADE CULTURAL: O MUSEU COMO BIOMA FÍSICO E SOCIAL DE TRAVESSIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS

Victória Silveira ¹
Dilma Tavares ²

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a formação da consciência sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, explorando as interconexões entre identidade linguística, cultura e memória. Partindo do pressuposto de que o ensino de língua materna deve transcender a mera transmissão de normas gramaticais, defende-se uma abordagem crítica e reflexiva, valorizando a diversidade linguística e cultural. Assim, o estudo aqui apresentado utiliza três museus do Estado de Pernambuco - Museu Paço do Frevo, Museu Cais do Sertão e Museu do Homem do Nordeste - como biomas físicos e sociais de travessia no processo de ensino e aprendizagem de Português, integrando perspectivas artísticas, históricas e culturais ao ensino de língua. A metodologia adotada é qualitativa, com enfoque transdisciplinar, e os dados são analisados à luz de teóricos como Freire (1967), Labov (1972), Soares (2003), Bakhtin (1984), Bagno (1999), Moita Lopes (2006) e Geraldi (1984). Desse modo, busca-se apresentar como as vivências no museu podem contribuir para a reflexão dos estudantes sobre suas identidades linguísticas e culturais, promovendo um ensino mais significativo e contextualizado, apresentando resultados que evidenciam fenômenos sociolinguísticos que possibilitam a proposição de realização de aulas de língua portuguesa "in loco". O objetivo deste trabalho é, portanto, defender que experiências vivenciadas em museus enriquecem o ensino de língua materna, promovendo uma educação inclusiva e equitativa, alinhada aos princípios de uma educação libertadora e transformadora, conforme defendido por autores como Freire (1969), Kleiman (1995), Rojo (2012) e Tavares (2024). Ao integrar o museu como espaço de travessia no processo de ensino e aprendizagem, os resultados reforçam a importância da consciência sociolinguística e da valorização da identidade cultural na formação de cidadãos críticos e conscientes, problematizando as visitas sem objetivo específico voltado aos fenômenos linguísticos, vislumbrando a heterogeneidade linguística na dimensão cultural.

Palavras-chave: *consciência sociolinguística, ensino de língua portuguesa, identidade cultural, museu, transdisciplinaridade.*

INTRODUÇÃO

Enquanto educador, faz-se necessário a constante reflexão - interna, externa, pessoal e política - sobre a construção de uma educação de qualidade e, além de tê-la como um direito fundamental do indivíduo, é válido ponderar que seus princípios essenciais são a equidade, a relevância e a pertinência, contemplando a eficácia e a eficiência em seus processos. A partir dessa perspectiva, não é viável conceber que a

¹ Mestranda pelo PROFLETRAS da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, victoria.guilherme@ufpe.br;;

² Professora Doutora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, dilma.tavares@ufpe.br;



escola seja tomada como um lugar de transferência de conhecimentos. Como propõe Freire (1967), a educação é um processo baseado na conscientização do sujeito, sendo ela uma prática libertadora, formadora de cidadãos críticos e participativos. Assim, faz-se necessário que o espaço escolar seja primordialmente um espaço de socialização e de conscientização das identidades sociolinguísticas dos que a constituem.

Portanto, este trabalho reúne os esforços em adotar os biomas da transdisciplinaridade no ensino de língua portuguesa, no intuito de provocar um ensino crítico e criativo do português como língua materna, comprometido com a formação de sujeitos analíticos, proporcionando uma aprendizagem que se coloque além da mera transmissão de conhecimentos linguísticos e gramaticais no ambiente escolar, para que faça, de fato, sentido na vida cotidiana. Como aponta Soares (2003), os conhecimentos linguísticos e gramaticais também podem ser ressignificados na prática escolar como artefato de construção de sujeitos críticos que dominam diversos aspectos formais e informais do conhecimento linguístico.

Por conseguinte, o ensino de língua portuguesa vai muito além da mera transmissão de regras gramaticais e de compreensão apenas das estruturas frasais. Ele se depara com o desafio de promover não somente o domínio do padrão linguístico, mas também a consciência da heterogeneidade linguística dos seus falantes. Este é um processo complexo que demanda a consideração cuidadosa dos múltiplos fatores que influenciam a forma como os indivíduos utilizam e percebem a linguagem em diferentes contextos sociais e culturais.

No cenário do Ensino Médio, desenvolver a consciência sociolinguística é fundamental para uma educação em língua que seja crítica e inclusiva, promovendo o respeito pelas diversas vozes que formam o panorama linguístico do Brasil. Partindo dessa ideia, este trabalho aponta como as atividades educativas em museus podem ajudar a formar a consciência sociolinguística nos alunos, usando como base três museus pernambucanos: o Paço do Frevo, o Cais do Sertão e o Museu do Homem do Nordeste. Esses espaços são vistos como lugares de passagem, tanto físicos quanto simbólicos, onde o aprendizado da língua materna pode se conectar com aspectos históricos, artísticos e culturais, expandindo a visão dos alunos sobre a língua como algo vivo e ligado à identidade.

A relevância desse estudo aponta a necessidade de repensar o ensino de Português, considerando a diversidade linguística e cultural, como defendem Freire (1967, 1969), Labov (1972), Bakhtin (1984), Bagno (1999), Soares (2003) e Moita



Lopes (2006). Ao enxergar o museu como uma extensão da sala de aula, este trabalho se justifica por ter o potencial de colaborar com práticas de ensino que libertam e contextualizam, em que a experiência estética e a sensação de pertencimento cultural se juntam à reflexão sobre o uso da língua.

São apresentadas aqui, proposições fruto da pesquisa de abordagem qualitativa e que une várias áreas do conhecimento, baseada em observações, anotações reflexivas e análise de trabalhos dos alunos após as visitas educativas. As análises foram feitas com base em teorias da sociolinguística e da pedagogia crítica, para entender como as experiências nos museus podem ajudar a construir identidades linguísticas conscientes e críticas.

Os resultados, que serão apresentados posteriormente, mostram que as atividades nos museus ajudaram bastante no reconhecimento da diversidade linguística e na valorização das expressões culturais da região. Dessa forma, é preciso incluir experiências educativas *in loco* no currículo de Português, juntando conhecimentos e vivências que aproximem o aluno de sua realidade social e linguística.

Conforme postula Labov (1972), toma-se o conceito de *consciência sociolinguística* como a referência à capacidade de compreender e analisar criticamente as diversas dimensões sociais e culturais da linguagem, englobando o reconhecimento de que a língua não é uma entidade fixa, estática e neutra, mas sim um fenômeno dinâmico, influenciado por fatores como classes sociais, gêneros, etnias, idades e contextos. Por isso, a *consciência sociolinguística* implica na percepção das variações linguísticas, como os dialetos e os registros, e as compreensões de como essas variações refletem e perpetuam relações de poder e identidade dentro da sociedade.

Além disso, como também aponta Bagno (1999), esse estado envolve a percepção das atitudes e de preconceitos linguísticos e de como esses fatores podem afetar a vida social dos indivíduos. Esse reconhecimento vai além da simples aceitação das variações linguísticas: ele promove a valorização das múltiplas formas de expressão que refletem a diversidade cultural e social de uma comunidade. Com a ascensão dos *Novos Estudos Culturais* - também conhecidos como Estudos Culturais Contemporâneos, sendo uma abordagem interdisciplinar que emergiu no final do século XX -, entender a língua como um fenômeno dinâmico e multifacetado, torna possível apreciar como os diferentes dialetos, os registros e os modos de falar contribuem para a riqueza cultural de uma sociedade.



Interessa, portanto, que se repense interdisciplinarmente os sujeitos, partindo da perspectiva da pertinência interacional e dialógica da língua, diante da interconexão na esfera cultural da pluralidade. Afinal, educadores conscientes das dimensões sociolinguísticas, de acordo com Soares (2003), são capazes de valorizar a diversidade linguística na sala de aula e buscar implementar práticas pedagógicas que respeitem e integrem as diferentes formas de expressão dos seus educandos.

Sendo assim, no contexto educacional, o anseio docente por desenvolver a *consciência sociolinguística* é crucial para criar um ambiente inclusivo e equitativo. Essa ação contribui para um ensino mais eficaz na dimensão humana, e assim para a formação de cidadãos críticos e conscientes das dinâmicas sociais que envolvem a linguagem. Explorar a *consciência sociolinguística* no ensino permite, portanto, ressignificar os conhecimentos gramaticais e sociocomunicativos, transformando-os em ferramentas para a construção de sujeitos críticos e competentes em diversos aspectos formais e informais dos conhecimentos linguísticos e também das práticas sociais.

Como postulado por Rajalopagan (1999), questões éticas estão invariavelmente presentes na linguística, mesmo em momentos em que o que se discute seria presumivelmente apontado como problema puramente teórico. A dificuldade, portanto, em reconhecer isso, é fruto do dogmatismo relacionado a como uma área científica de estudo é constituída. Tomando como ponto de vista um posicionamento de contrapartida diante de uma linguística que deve observar apenas "fatos concretos" – entidades que são, por definição, desprovidas de quaisquer interesses últimos –, defende-se, no entanto, que é função dessa ciência a busca por descrever ou explicar os porquês e os motivos das representações languageiras. Dessa maneira, as teorias linguísticas vão reproduzir as orientações ideológicas de quem as propõe, sendo assim uma prática intrinsecamente associada ao gesto ideológico.³

Concebendo, portanto, essa perspectiva de que a língua - enquanto fenômeno coletivo, ideológico, social, cultural e multifacetado⁴- deve ser estudada e compreendida como processo identitário, construída e ressignificada na prática cotidiana, observá-la a partir do espaço formal e não-formal de educação, manifesta uma necessidade de vislumbamento desse objeto de estudo linguístico para além

³ A pragmática é a perspectiva adotada para observação da sociolinguística interacionista e não da Análise do Discurso.

⁴ cf. Bakhtin (2017)



dos muros da escola (cf. FREIRE, 1967; STREET, 2014; TARDIF, 2002; MOITA LOPES, 2006; LUCIANO, 2019). Nesse contexto, a *transdisciplinaridade* (cf. Luciano, 2019) - apresentada nesse projeto por meio da perspectiva também sociológica, artística e histórica promovendo uma visão mais ampla e integrada do conhecimento, capaz de lidar com a complexidade e as interrelações dos desafios contemporâneos - conecta-se à Linguística Aplicada como ferramenta teórica fundamental para entender como a linguagem reflete e constrói identidades individuais e coletivas.

Como aponta Luciano (2019), o ensino de língua deve partir do objetivo da construção de uma *aprendizagem significativa*. Ele deve reconhecer como ponto de partida a apropriação do sentido preciso da expressão *competência comunicativa* enquanto objetivo do ensino de língua materna, como determinam os documentos norteadores e reguladores do ensino no Brasil, vislumbrando o que aponta a autora quando afirma que

Estamos perante um tempo de condições sociodiscursivas que exige do professor de Língua Portuguesa um novo foco no tratamento objetivo dos fenômenos da língua, como uma nova via de acesso ao desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita dos discentes, em “experiências de aprendizagem” verdadeiramente significativas para cada aprendiz. (Luciano, 2019, p. 55)

Dessa forma, nesse artigo, visa-se apresentar como experiências pedagógicas em museus - especialmente nos museus pernambucanos Paço do Frevo, Cais do Sertão e Homem do nordeste (Recife) - podem enriquecer o ensino de língua materna, a partir das construções e reconstruções de referentes linguísticos, permitindo aos alunos uma reflexão mais profunda sobre sua própria identidade linguística e cultural.

Tomando a língua como um aspecto fundamental na construção de uma comunidade, refletindo não apenas a maneira como seus membros se comunicam, entende-se que ela também discerne como eles se percebem e são percebidos por outros. Logo, a heterogeneidade linguística é uma característica intrínseca a qualquer língua e manifesta-se por meio de diferentes eixos e tipos de variação, tais como variação diatópica/geográfica (com os dialetos regionais), diastrática/social (com os socioletos), diafásica/estilística (com o registro formal e informal), e diacrônica/temporal (com as mudanças linguísticas ao longo do tempo). (cf. LABOV, 1972; PRETI, 2000)

Esses diferentes tipos de variação não são meramente superficiais, pois constituem a própria essência da língua, demonstrando a sua capacidade ampla e



diversificada de adaptação e mudança contínua. Ela, nesse sentido, não é apenas um meio de comunicação, mas um veículo de cultura e de identidade. É através da linguagem que os indivíduos expressam suas experiências, valores e pertencas culturais, reafirmando sua identidade a cada interação. Portanto, a língua atravessa e molda, também, a cultura, sendo simultaneamente modificada por ela e acaba criando um vínculo inseparável entre identidade linguística e cultural. Este fenômeno ressalta a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística como um reflexo da multiplicidade cultural de uma sociedade. (cf. FREIRE, 1967; LUCIANO, 2019).

Assim, com essa abordagem do fenômeno da variação linguística enquanto um fenômeno sociocultural, busca-se que a vivência do espaço não formal de educação reflita no processo educativo dos jovens, levando-os ao contato com manifestações artísticas como o Frevo (enquanto símbolo, gênero e manifestação cultural), experienciando e construindo saberes sobre esse patrimônio da cultura popular manifestado também nas linguagens. Para Nino (2011), na trajetória do Frevo, destaca-se não somente as suas origens no final do século XIX no Recife - onde emerge como a fusão de influências musicais e culturais diversas (a marcha, o maxixe e a capoeira) -, e se desenvolve não somente como uma expressão artística, mas também como uma manifestação da identidade cultural pernambucana, refletindo tanto a vitalidade, quanto a criatividade do povo nordestino.

Também Calazans (2007) destaca a importância do Frevo como um símbolo de identidade e resistência cultural, ressaltando como esta manifestação artística se transformou e se adaptou ao longo das décadas, mantendo sua relevância e vivacidade no cenário cultural brasileiro. Assim, procura-se incentivar a interatividade diante das práticas de ensino de linguagem, contribuindo para um ensino criativo e uma aplicação de conteúdos que faça sentido dentro e fora de sala de aula por meio da visita ao museu.

Além disso, os Museu do Homem do Nordeste e Cais do Sertão, também fazem o recorte cultural, revelando acervos que referentes a pluralidade das culturas negras, indígenas e quilombolas, desdobramentos e misturas que revelam a cultura brasileira, dando suporte para construção de narrativas traduzidas nas exposições etnográficas e artísticas, mediadas por ações educativas e culturais. As exposições permanentes, que abordam, inclusive, a pluralidade do sertão, possibilitando a imersão na região sertaneja através da produção artística cantada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga.



Diante disso, as diretrizes do ICOM (Conselho Internacional de Museus) para a prática museológica destacam a importância da participação comunitária, da educação e da preservação do patrimônio cultural, enfatizando movimentos como o da FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco) em Pernambuco em utilizar os museus como espaços educativos e culturais, promovendo a cultura e a preservação do patrimônio cultural. Nesse sentido, Falk e Dierking (2000) apontam a relevância das vivências e das experiências dos visitantes em museus, argumentando sobre a importância fundamental desses espaços para a construção de significados tanto pessoais quanto sociais e coletivos, podendo transformar a compreensão dos visitantes e promovendo uma aprendizagem significativa, que vai além da simples aquisição de informações, englobando também o desenvolvimento de novas perspectivas e reflexões sobre o mundo.

Segundo Clifford Geertz (1989), a cultura deve ser entendida como um sistema de significados compartilhados, norteadores do comportamento humano e das práticas sociais. Desse modo, analisar algo pelo olhar cultural requer uma *thick description* ("descrição densa/complexa"), visto que os significados das ações humanas são interpretados dentro dos contextos sociais e históricos. Por meio dessa abordagem, é possível compreender de modo mais profundo os símbolos e as práticas culturais, evidenciando como eles moldam e são moldados pelas interações sociais, além de criar práticas educativas que não apenas transmitem informações, mas também engajam os educandos em uma compreensão mais profunda e contextualizada da linguagem e da cultura.

Assim, as visitas aos museus oferecem uma oportunidade para que se vivenciem a linguagem em uso, observando como ela se manifesta em diferentes contextos culturais e históricos. Isso não apenas enriquece a aprendizagem dentro da sala de aula, mas também torna os conteúdos mais relevantes e aplicáveis fora dela, construindo conexões transdisciplinares que integram conteúdos de diferentes disciplinas (como história, arte e sociologia) durante a visita ao museu, mostrando como a linguagem se interrelaciona com outros aspectos da experiência humana.⁵

Por outro lado, como postulado por Vygotsky (2007)⁶, a linguagem é desenvolvida através da interação social e é mediadora dos processos cognitivos,

⁵ Para o foco da presente pesquisa, nesse é contexto em que se objetiva identificar o repertório verbal necessário para expressão do indivíduo na leitura de mundo e percepção de si mesmo na sua identidade sociocomunicativa.

⁶ Essa abordagem considera, ainda, que a aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas está profundamente enraizada no contexto histórico e cultural, sendo, portanto, um processo colaborativo e interdependente.



sendo também influenciada pelo contexto histórico e cultural, fazendo da aprendizagem um processo colaborativo. Assim, tomando a língua como um relação intersubjetiva, socio-historicamente situada, mas também como reflexo de diversas dimensões que compõem a experiência humana, neste projeto de mestrado investigar-se-á como as identidades linguísticas influenciam as atividades de linguagem, assim como a forma como as práticas de letramento são percebidas e interpretadas (cf. STREET, 2014; SOARES, 2003).⁷

Nesse contexto, a presente pesquisa propõe explorar como se efetiva o processo de formação da *consciência sociolinguística* dos estudantes de língua portuguesa da Escola de Referência em Ensino Médio Augusto Severo, na Rede Estadual de Pernambuco, destacando os atravessamentos da cultura, memória e identidade, dentro e fora da sala de aula. Através de uma abordagem transdisciplinar, esta pesquisa busca contribuir para construção de uma reflexão mais ampla sobre o papel do ensino de língua portuguesa na formação integral dos estudantes.

Como consequência desse processo, anseia-se não somente a ampliação da competência comunicativa, mas visa-se essencialmente a construção de uma consciência crítica e a valorização da diversidade linguística e cultural, enquanto exercício de cidadania. Estabelece-se também que estes objetivos devem estar em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, que promovem a educação de qualidade (ODS 4), a redução das desigualdades (ODS 10) e a promoção da paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16).

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada pela perspectiva transdisciplinar, com o intuito de explorar a construção da consciência sociolinguística dos estudantes de língua portuguesa como língua materna através de experiências pedagógicas em museus. O foco está em apresentar como essas vivências influenciam a percepção dos alunos sobre suas identidades linguísticas e culturais, promovendo um ensino que vá além da transmissão de conhecimentos gramaticais. Os participantes do estudo serão estudantes do Ensino Médio da Escola de Referência em Ensino Médio Augusto Severo, escola pública da rede estadual de

⁷ Street (2014) destaca que as práticas de letramento são moldadas pelas relações de poder e pelos contextos culturais, refletindo a natureza não neutra dessas práticas na sociedade.



Pernambuco, localizada na divisa entre os bairros de Recife e de Jaboatão dos Guararapes.

A geração de dados utilizou uma variedade de instrumentos qualitativos, a saber: diário de campo, fotografias, produções textuais escritas dos/das discentes, anotações de campo realizadas por eles/elas durante a visita. Como o diário de campo da professora, no qual constarão registros sistemáticos das observações feitas durante as atividades, capturando interações, comportamentos e reações dos estudantes. Além disso, as fotografias também funcionaram como documentação visual das atividades, proporcionando uma perspectiva complementar às observações escritas. Assim como produções textuais escritas pelos estudantes, abordando suas percepções e aprendizagens durante as atividades também servirão como dados para essa pesquisa.

Por fim, a produção audiovisual, que realizou-se como meta para os estudantes após as visitas dos museus, ofereceram uma forma direta e criativa de expressão sobre suas próprias experiências e aprendizagens. Dessa forma, as ações didáticas são organizadas em etapas que incluem o planejamento, execução, registro e análise das atividades pedagógicas realizadas no espaço escolar e no contexto do Paço do Frevo com objetivos claros para cada atividade, alinhados com a proposta de promover a consciência sociolinguística dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa demonstram que as ações pedagógicas aplicadas impactaram profundamente a percepção sociolinguística dos alunos. Isso ocorreu ao incentivarem a análise da variedade linguística, da identidade cultural e da importância da língua como algo vivo e diverso. A avaliação dos trabalhos e depoimentos dos alunos seguiu as vertentes da sociolinguística educacional e a visão de análise da língua de Geraldi (1997). Para ele, o ensino da língua deve abordar os aspectos de discurso e contexto do uso, e não só a correção gramatical.

Para introduzir o processo de reflexão, a atividade inicial, chamada “Procura-se”, inspirada na história poética “As coisas mais belas da vida”, de Valter Hugo Mãe, levou os alunos a pensarem sobre os usos da linguagem em seus vários aspectos. A obra literária, com suas escolhas únicas de estilo, como letras minúsculas e uma escrita que busca uma proximidade da fala, mostrou aos alunos que a língua não é igual para todos, mas formada por muitas variações na sociedade. Essa descoberta apoia a ideia de Bagno



(2007), que diz que o português brasileiro tem diversas formas legítimas de falar, e a de Labov (2008), que defende que a diferença é a base da língua.

Os trabalhos criados a partir dessa ideia — cartazes com frases curtas e marcantes, como “Procura-se amor de mãe na escola” ou “Procura-se paz” — mostraram a imaginação e o interesse dos alunos, e também sua capacidade de ligar a linguagem, sentimento e valores da sociedade. Notou-se a presença de características da fala e palavras simples, o que confirma a ligação entre fala e escrita que Castilho (2010) destaca. As frases criadas mostram um lado emocional e de identidade da linguagem, exemplificando o que Marcuschi (2008) chama de criação de sentido situada, pois surgem da vivência real das pessoas e mostram sua forma de ver o mundo. Assim, a atividade foi muito eficaz em promover reflexões sobre o papel social da língua e sobre a importância da escola em valorizar as diferentes formas de expressão da linguagem.

A atividade seguinte, chamada de “Quantas línguas cabem no nosso português?”, possibilitou identificar as ideias dos alunos sobre a diversidade da língua. Mesmo que a maioria não conhecesse o termo “sociolinguística”, muitos já demonstravam entender intuitivamente que o português se modifica dependendo da região, do grupo social e das situações de comunicação. Tal percepção prática confirma a tese de Labov (2008), que afirma que os falantes, mesmo sem instrução formal, notam e avaliam as variações da língua com base em critérios socioculturais. Contudo, também foram observadas falas que repetiam a lógica do certo e errado, revelando a persistência do preconceito linguístico, como debate Bagno (2007). Os alunos, porém, se mostraram dispostos a reconsiderar esses conceitos conforme as atividades avançavam, ligando a língua à cultura e ao sentimento de pertencimento regional.

Posteriormente, a criação dos zines com título “É só aqui que tem” representou um dos momentos mais marcantes do processo de aprendizado e construção da sequência didática. Nessa atividade, os alunos anotaram e interpretaram palavras e expressões típicas do falar pernambucano, como “arretado”, “oxe”, “pantin”, “munganga” e “gabiru”, mostrando consciência das variações lexicais e fonéticas de sua comunidade linguística. Ao decidirem registrar aspectos da pronúncia real de certos termos — como “miseravi” e “zuada” —, os estudantes explicitaram a valorização da oralidade e o reconhecimento da legitimidade das formas populares de falar, o que se alinha com a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004) sobre identidade linguística e com a visão de Bakhtin sobre a linguagem como um espaço de interação social e de criação de sentido (BAKHTIN, 2003).



Ademais, a natureza multimodal dos zines, que uniram linguagem verbal, imagens, cores e fontes variadas, expandiu o potencial expressivo das produções e revelou o domínio de práticas de multiletramentos, como discute Rojo (2009). As escolhas lexicais e visuais demonstraram a apropriação criativa da cultura local e o orgulho de fazer parte de um espaço linguístico específico. Essa atividade, ao combinar língua, arte e memória, tornou-se um exercício de autoria e resistência, reafirmando o valor da variação linguística como parte fundamental da identidade cultural dos estudantes.

Durante a fase da atividade intitulada como "Você sabe dizer?", foram realizadas entrevistas com a comunidade escolar que proporcionaram aos alunos uma visão mais ampla sobre as nuances da variação linguística e do preconceito associado a ela. As respostas coletadas evidenciaram tanto o reconhecimento das diversas formas de expressão quanto a persistência de avaliações rígidas sobre o que se considera a "norma culta". Contudo, muitos enfatizaram a necessidade de abordar a variação nas escolas, associando-a ao fomento do respeito e da inclusão. Esses resultados ratificam a importância de uma educação linguística crítica, como sugere Bagno (2015), capaz de questionar hierarquias simbólicas e valorizar as identidades locais.

Finalmente, a visita aos museus Paço do Frevo, Homem do Nordeste e Cais do Sertão e a criação dos minivlogs representaram a apresentação ápice dos aprendizados construídos durante o processo de pesquisa. Ao registrar suas vivências em vídeo, os alunos utilizaram diversas formas de linguagem — oral, escrita, visual e sonora — e demonstraram um apreço pelo frevo, forró e outras manifestações culturais, como símbolo de resistência e identidade. As narrativas audiovisuais revelaram um uso natural das variações regionais e um entendimento mais profundo da língua como prática social. Essa experiência de criação e mediação cultural reforça a ideia de Freire (1996), de que educar é um ato de liberdade e de construção de significado.

Em suma, os resultados demonstram que o ensino de língua portuguesa, quando conectado a práticas sociolinguísticas e experiências culturais relevantes, impulsiona o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, capacitando-os a entender a língua como um fenômeno dinâmico, histórico e ligado à identidade. As experiências analisadas reforçam a importância de incorporar a diversidade linguística ao currículo escolar, promovendo uma educação mais humana, inclusiva e alinhada com a realidade



sociocultural das pessoas que a vivenciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esta investigação – que, a bem da verdade, segue evoluindo em mim e nos participantes – ratifico a ideia de Paulo Freire (2009), de que nos tornamos humanos ao lutar para mudar o mundo, e não apenas ao nos adaptarmos a ele. A didática da língua portuguesa, encarada como ação social, cultural e política, tem o potencial de ser essa ferramenta de mudança, incentivando a análise crítica da língua, cultura e identidade.

Os dados desta pesquisa indicam que o ensino da língua materna, ao integrar-se com experiências culturais e abordagens transdisciplinares, contribui para a formação de indivíduos independentes e cientes de seu papel social. A experiência em sala de aula mostrou que, quando o ensino vai além do domínio técnico da gramática e se conecta com a vida real dos alunos – suas opiniões, histórias e contextos –, a língua passa a ser vista como forma de pertencimento, resistência e lembrança coletiva.

Neste percurso, os museus ganharam destaque como locais de passagem e de atribuição de sentido. As visitas ao Museu Paço do Frevo, ao Museu Cais do Sertão e ao Museu do Homem do Nordeste revelaram que a didática da língua, ao interagir com o patrimônio material e imaterial desses espaços, proporciona novas interpretações sobre quem somos como povo e sobre as maneiras de nos expressarmos e vivermos em Pernambuco. No Paço do Frevo, os alunos sentiram a vibração da festa e da resistência cultural; no Cais do Sertão, o sertão como símbolo da força e da poesia de um povo; e no Homem do Nordeste, a variedade de identidades que compõem nossa história. Em conjunto, esses locais se tornaram territórios de aprendizado ativos, onde língua, arte, memória e emoção se unem na construção de uma consciência sociolinguística.

Paralelamente, a pesquisa nos convida a refletir sobre o papel dos museus como instituições educativas e políticas. É fundamental entendê-los não como meros depósitos de objetos, mas como espaços de diálogo, de confronto de narrativas e de criação de memórias diversas (HALBWACHS, 1990; ANDREONI, 2011). Nesse cenário, cabe à escola formar leitores críticos dos discursos museológicos, capazes de identificar vozes ignoradas e reconhecer as inúmeras histórias que formam a cultura brasileira.



Este projeto está em harmonia com as Metas de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, principalmente com a ODS 4 (Ensino de Excelência), ao estimular um aprendizado relevante, inovador e que acolhe a todos; com a ODS 10 (Diminuição das Desigualdades), ao enaltecer a pluralidade de idiomas e culturas; com a ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), ao intensificar a ligação entre o ensino e o legado cultural; e com a ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), ao incentivar uma educação baseada na igualdade e no envolvimento do cidadão.

Dessa forma, confirma-se que a transdisciplinaridade transcende uma simples ferramenta: é uma visão ética e de conhecimento que admite a complexidade do saber e a união entre os campos do saber. Segundo Tavares (2019), refletir sobre a língua na escola é entender que todo conhecimento é construído em conjunto, permeado por aspectos históricos, sociais, artísticos e emocionais. Ao aproximar o ensino do Português de práticas culturais, como as idas a museus, o professor expande a visão dos alunos e ajuda na formação de leitores e autores aptos a interagir de forma crítica com o mundo.

Em suma, a discussão aqui apresentada reforça a crença de que lecionar português é também ensinar a observar o mundo com atenção e senso crítico. É um gesto de luta e otimismo — como almejava Freire (1996) —, um chamado à leitura do mundo e à criação de novos caminhos. Que cada professor, ao se ver como elo nesse caminho, possa seguir juntando escola, cultura, museus e memórias, promovendo um ensino libertador e diverso, que lute contra o preconceito com a língua e fortaleça o respeito às diferenças como alicerce de uma sociedade mais equitativa e humanizada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 14^a ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-basica/bncc>. Acesso em:



27/08/2024.

BRASIL. **LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. p. 239 (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 1).

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ENSINO MÉDIO** – Ministério da Educação. Secretaria da Educação Médio e Tecnologia – Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CALAZANS, Teca. Frevo – **100 Anos de Folia**. Recife: CEPE, 2007. DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Jean-Paul. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. **Learning from Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1995.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCIANO, D. T.; SÁ, C. M. **Transversalidade IX: reflexões sobre a escrita**. Aveiro: UA Editora, 2019.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NINO, Maria do Carmo. **A história do frevo**. Recife: CEPE, 2011.

PRETI, Dino. **A variação linguística: contribuições da sociolinguística para o ensino da língua**. Revista Intercâmbio, 9, 9-17, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Toward an ethically committed linguistics**. Revista de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte:



Autêntica, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

